

Mônica Francisco

Olá, esse é mais um memória viva e hoje com grande prazer de receber. Juliana França, seja muito bem-vinda.

Mônica Francisco

É um prazer enorme pra gente estar aqui, haja visto aqui o memória viva se inspirou no papo na Laje que você magistralmente tocou, né? E a gente quer conversar um pouquinho sobre a Juliana, sobre a sua vida, a sua trajetória, quem é você? Eu quero que você conte tudo pra gente e pra quem vai assistir esse vídeo certamente vai se emocionar com a sua história de vida ainda tão jovem.

Mônica Francisco

Mas com tantas experiências, a gente tava conversando aqui nos bastidores e a gente já pode ver que você tem uma trajetória muito robusta, muito consistente, apesar de muito jovem, uma menina linda e talentosa. É muito bom a gente ver uma jovem negra, talentosa, intelectual. É sabendo que vocês são o nosso futuro, mas deixando de papo, né?

Mônica Francisco

E não, mas não muito. Eu quero que a Juliana fale para mim.

Mônica Francisco

É o que vem a sua memória, primeira imagem que vem a sua memória da sua infância, tá?

Juliana França

Antes, eu queria dizer que é uma honra estar aqui e dizer que você, Mônica, é uma referência. E agradecer por tudo. Agradecer mesmo.

Juliana França

Muito obrigada. Ser uma referência muito importante pra minha trajetória e de muitas outras meninas e mulheres negras desse Rio de Janeiro, desse Brasil.

Juliana França

Muito obrigada pelas palavras iniciais. É, eu queria dizer também que essa boca que fala é uma boca que escuta. Queria pedir licença aos meus ancestrais, aos meus mais novos.

Juliana França

Queria dedicar essa conversa e memória de minha madrinha, Lenita Alves, que desencarnou recentemente uma mulher negra, retinta, que me criou, que me educou e que me amou. Fui criada por um quintal inteiro. Se eu estou aqui hoje, viva.

Juliana França

Foi porque um quintal inteiro me criou, me educou e me amou. Uma das memórias que eu

tenho da minha infância é, eu acho que é. Eu moro a minha mãe, minha família sempre morou perto de um pico e um pico chamado pico da coragem.

Juliana França

E na escola a gente já desde novo assim IA para esse pico fazer caminhada.

Juliana França

E ver a cidade de cima. Então, uma das minhas memórias é ver a minha cidade Japeri de cima, olhando todo o território, todo o perímetro de cima. Isso com mais ou menos 78 anos de idade.

Juliana França

A gente fazia pipoca, levava biscoito, refrigerante e a turma inteira de crianças, com os professores e inspetores para o topo do pico da coragem para a gente ver a cidade de cima. E é um pico arborizado, com cachoeiras.

Juliana França

Em Japeri, na cidade que dizem que não tem nada, eu tô aqui para mostrar que ela tem tudo e pode criar muito mais.

Mônica Francisco

O que que o Japeri produziu em você?

Juliana França

Eu costumo dizer, Mônica, que o meu umbigo tá enterrado em Japeri e ele tá enterrado em Japeri. De fato, eu nasci em Japeri e quando o meu umbigo caiu, ele foi enterrado em Japeri.

Juliana França

E onde quer que eu vá, eu volto. Porque o que Japeri produziu em mim foi um senso de pertencimento muito grande. Me identificar com aquele lugar, com aquelas Montanhas de Japeri, tá envolto de Montanhas, ele é um vale.

Juliana França

E encontrar beleza no Rio Guandu, que abastece todo esse Rio de Janeiro. Encontrar beleza no pico da coragem, encontrar beleza na minha família, na minha casa, dos meus colegas, na minha escola.

Juliana França

Isso só veio a partir da minha própria cidade, do meu contato com a arte, com o teatro, o senso de pertencimento. É o que o Japeri deixa para mim e que eu levo para todo lugar que eu vou.

Mônica Francisco

Você é uma mulher negra que segue as suas origens ancestrais. Você vai fazer filosofia, você vai pensar o mundo partindo de Japeri. Então conta pra gente esse caminho, esse trajeto.

Mônica Francisco

Academia, teatro, grupo, código, ancestralidade, filosofia, olhar o mundo de cima. Lá do Pico da Coragem. O pico da coragem é a sua plataforma em todos os lugares.

Mônica Francisco

Eu Acredito.

Juliana França

Com certeza eu vou voltar um pouco na infância, porque essa pergunta que você me fez me me provocou muito, porque quando eu era criança e eu botei isso na minha dissertação do mestrado, eu tinha 11. Lugar que as pessoas jogavam lixo. É um lixão perto da minha casa.

Juliana França

E eu andava até esse lixão e eu procurava coisas que eu poderia transformar. Eu tinha sonho de ser cientista, então eu ia até esse lixão. E eu gostava muito de televisão, de ver desenho, de ver programa, de de científico, essas coisas todas.

Juliana França

E eu quase nunca tive televisão na minha casa. Então eu ia para casa dos meus primos e os meus vizinhos para ver televisão na infância.

Juliana França

Então eu ia pra esse lixão, pegava tudo que eu poderia pegar, tipo de pilha, de carrinho velho, de coisas que eu poderia reutilizar, que eu queria criar robôs, eu queria ser cientista. E aí isso ficou durante um tempo guardado. E aí quando eu tava escrevendo a minha dissertação do mestrado que eu defendi em 2019, eu escrevi lá que a menina que queria ser cientista e tinha os cabelos apontados pro céu.

Juliana França

Que era assim que o meu cabelo vivia, apontado pro céu. Ela tinha se transformado numa cientista, 11, pesquisadora, filósofa e que pensava o território. A minha trajetória é artística, filosófica.

Juliana França

Ela começa ainda na adolescência, com 16 pra 17 anos. Eu interessada pela arte, mas sem ter lugares pra fazer em Japeri ou não sabendo dos lugares.

Juliana França

Eu fico sabendo de um cineclube, estava tendo oficinas de audiovisual, de cinema, falei, Ah, vou lá ver o que que é isso? Com 16 anos, e eu estou fazendo e falando sempre, intrometida,

palpiteira, não sei o que, e fala, habla, habla, habla. E aí é, tinha um rapaz lá chamado Bruno Wnet.

Juliana França

Ele falou, caramba, Juliana, você tem uma voz muito boa. Já pensou em fazer teatro? Que teatro?

Juliana França

Teatro? Não, claro que não. Não vou fazer teatro.

Juliana França

Ele falou não, mas vai lá no Código, no grupo Código. A gente tá dando oficinas de teatro só para você ver como é que é. Tô vendo até hoje.

Juliana França

Isso tem 17 anos.

Mônica Francisco

Quase a sua idade.

Juliana França

Quase. Eu tenho 33, esse ano eu faço 34. Então eu entrei com 1617 anos no código.

Juliana França

O Código é uma instituição sociocultural sem fins lucrativos que foi fundada é por jovens artistas da baixada Fluminense.

Juliana França

Hoje eu sou vice presidenta desse grupo. É. Inicialmente, o grupo foi formado em 2005, a partir de um projeto social do nojo morro com o Sesc Rio.

Juliana França

Então, 50 jovens da baixada Fluminense foram profissionalizados por profissionais do nojo morro. Então eu entro 2 anos depois como aluna desses que foram primeiramente profissionalizados, então num processo de multiplicação.

Juliana França

Tenho contato com o teatro. Um ano depois eu passo, me chamam para ser multiplicadora também. E aí um ano depois me chamam para companhia profissional.

Juliana França

E aí eu viro coordenadora artística com 21 anos de uma companhia profissional de teatro. É, é ganho prêmios como atriz e aí começa a mudar minha cabeça num lugar muito.

Juliana França

Peculiar, que era uma junção do artístico com o político e com o cidadão. Então, a minha Constituição é profissional de pessoa, vem muito dessa base artística, é cidadã e política assim, numa busca pela cidadania, como que a gente vai falar sobre o teatro, sobre a arte? E aí olha para o território, é o território, é com o território, rindo, com, fazendo compra.

Juliana França

Para o território, então, a minha base, eu eu estou tendo um processo de tentar me entender como uma mulher negra, uma sujeita afastada, um pouco dos coletivos, porque a minha Constituição é toda no coletivo. Eu só consigo me ver no coletivo e eu tenho muito orgulho disso. Eu falo isso na terapia, com muito orgulho.

Juliana França

Eu só consigo me ver no coletivo, porque sozinho a gente não vai a lugar nenhum. A gente pode chegar em algum lugar, mas vai cansar?

Juliana França

A demorar mais e junto. Pelo menos. Na minha experiência, foi mais prazeroso saber que tinha meus pares, as minhas pares comigo, me ensinando, me educando, me amando, colaborando pra minha formação.

Juliana França

E aí é ainda no teatro, eu escolho pela filosofia. E aí eu vou pra rural, faço a minha graduação em filosofia, faço um mestrado em filosofia.

Juliana França

E sempre pesquisando arte, teatro, território, processo de criação, dialogando com meu processo criativo no grupo de teatro, com as oficinas de teatro que a gente tem no nosso espaço cultural. Então são coisas que estão muito misturadas. Hoje, a Juliana de 33 anos olha para a Juliana de 16 anos e pensa, caramba, a gente está fazendo muita coisa pelo nosso território.

Juliana França

E a gente não está fazendo sozinha, a gente está fazendo junto.

Juliana França

E isso é base do teatro coletivo, teatro de grupo. Assim é muito diferente. Se eu fosse, não ia acontecer, porque sou mulher negra.

Juliana França

Não, não foi o meu primeiro contato, não foi com a Globo, não foi com o audiovisual, não foi, foi com teatro de grupo. E esse fez todo diferencial para profissional, para pessoa, para

professora, que eu sou hoje assim, eu acho.

Mônica Francisco

Qual foi o seu maior impacto? Chegando a universidade para.

Mônica Francisco

Estudar filosofia.

Juliana França

Eu entrei na faculdade em 2012, né? Então reúne. Era um programa muito novo, recente.

Juliana França

O curso de filosofia noturno também era um curso super recente na rural, é que foi um curso criado para trabalhadores, para classe trabalhadora. Então, quando eu entro na universidade, eu me sinto burra. Esse lugar não foi feito para mim.

Juliana França

O meu corpo não pertence a esse lugar. Então foi um choque. Eu não sou.

Juliana França

Todo mundo diz que eu sou inteligente, todo mundo diz que eu sou articulada. Não é possível que só esse lugar tá me fazendo me sentir burra, porque era é sensação que eu tinha que burra num lugar assim muito, muito cruel, de como o racismo opera sobre os corpos negros.

Juliana França

Da Juventude negra, sobretudo quando vai ocupar esses espaços acadêmicos. Então eu vinha de escola pública, estudei minha vida inteira de escola pública. Então, quando eu chego na universidade, sou questionada sobre a minha escrita, sobre o modo como eu falo, como eu me articulo, mesmo sendo uma criança que foi rata de biblioteca no ensino médio.

Juliana França

Eu falei, caramba, e aí, o que que eu vou ter que fazer? E aí um dos meus primeiros pensamentos foi, vou sair, vou abandonar.

Juliana França

Se o lugar não é para mim, não é um lugar seguro para mim. E eu tava acostumado a lugares seguros, a minha família, a minha cidade, o meu grupo de teatro. E aí quando eu chego nesse lugar muito hostil, o meu primeiro pensamento é de desistência.

Juliana França

Mas eu também tinha um grande sonho, que era concretizar a primeira pessoa da família e entrar para uma universidade. Cara, isso é meu sonho, é o sonho da minha família. Minha

mãe também tava muito realizada e eu queria ser professora.

Juliana França

Então, esse sonho de ser professora, de multiplicar e trocar saberes e conhecimentos, me mobilizou para que ficasse dentro da universidade a grade de filosofia completamente eurocentrada. Para estudar filosofia africana, eu tinha que ir para Nova Iguaçu, estudava Seropédica, tinha que ir para Nova Iguaçu para OIM, que era onde estava o professor Renato Nogueira.

Juliana França

E aí eu vou fazer várias matérias optativas com ele, porque não tinha matéria obrigatória na grade, então eu vou escolhendo as matérias. É optativas que tratavam de filosofia africana com o professor Renato Nogueira, em Nova Iguaçu, no campus que tem da rural em Nova Iguaçu. E aí o meu modo de pensar começa a ser ressignificado é.

Juliana França

Vendo o Renato, aquela figura tão emblemática, isso em 2014, 2013, ele já era uma figura muito emblemática, porque na época, se não único, era um dos únicos que discutiam e pesquisava filosofia africana dentro da da rural. Então era referência todos e todas as alunas que queriam estudar filosofia africana ou filosofia, não eurocentrada.

Juliana França

E é para o professor Renato Nogueira. Então, ter aquela figura foi bem importante para mim. E aí vai me ajudar a pensar?

Juliana França

É, ele vai me trazer referências que hoje são fundamentais para minha construção. E aí eu vou conhecer o Mbembe, aí eu vou conhecer outros.

Juliana França

É o Frantz Fanon. Vou conhecendo outros filósofos filósofas que constituem a minha personalidade, a minha academia. E aí com o teatro também vou chegando na Lélia e da Maria Martins.

Juliana França

E são pessoas que me ajudam a pensar filosofia a partir de um olhar afrocêntrico. E aí também filósofos, filósofos, indígenas, pra pensar também uma filosofia.

Juliana França

Que pensa em nossa existência, que faça sentido para os nossos corpos, que durante muito tempo, durante 4, 6 anos que estive dentro da da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, tive dificuldade dentro da do meu curso. Assim, é um curso muito é patriarcal, eurocentrado mesmo com algumas figuras ali emblemáticas, tentavam, tentavam fazer

outros movimentos, né?

Juliana França

Mas mesmo assim, hoje já teve uma reforma na grade curricular da do do curso. É, tem mais matérias, é e autores e autoras negras. Então acho que teve uma mudança significativa que eu não pude desfrutar a época.

Juliana França

E aí hoje, enquanto uma estudiosa contínua, mesmo não estando dentro da academia, é.

Juliana França

Ter encontrado o Renato Nogueira foi fundamental para que me desse outra outras possibilidades de literatura e de africanidades possíveis para os meus estudos.

Mônica Francisco

Você acha que essa necessidade de vocês, né? Uma geração anterior ajudou nessa mudança da grade?

Juliana França

Com certeza, porque é a partir do momento que a gente começa a perceber que é insustentável a gente só estudar Platão como referência de filosofia antiga.

Juliana França

Quando a gente começa a questionar, é um currículo majoritariamente formado por homens brancos. E isso já tinha na minha época, em 2012, pessoas que já confrontavam essa grade curricular. E aí as gerações futuras, 3, 4 anos depois, conseguiram bater o pé e fincar, meter o pé na porta.

Juliana França

A gente não quer mais ajudar só sobre isso.

Juliana França

Curso está pautado nisso, beleza? A gente quer outras possibilidades. A gente quer poder olhar, investigar outras coisas e outras possibilidades.

Juliana França

Com certeza isso é fundamental.

Mônica Francisco

Representatividade, então, é importa?

Juliana França

Importa muito, importa muito. E hoje em dia eu tenho lutado mais pela proporcionalidade.

Importava lá em 2012 a representatividade.

Juliana França

Hoje o que importa para mim é proporcionalidade.

Juliana França

Então, são 4 homens brancos na sala, 4 mulheres negras dentro da sala, 4 pessoas com deficiência dentro da sala, 4 pessoas indígenas dentro da sala, 4 pessoas LGBTQIPM mais dentro da sala. Eu tenho falado muito sobre proporcionalidade. Tenho me interessado mais do que representatividade.

Juliana França

Em 2012, fazia sentido. Hoje a gente tem brigado mais pela proporcionalidade.

Juliana França

Só assim no básico, né? Pelo básico, proporcionalidade.

Mônica Francisco

Eu vou ficar da sua proporcionalidade antes de ir pra pro nosso próximo tópico aqui, né? É, há uma grande discussão hoje no Brasil sobre identitarismo, é?

Mônica Francisco

De que essa pauta é uma pauta que prejudica outras mais centrais?

Juliana França

E aí você disse que eu estou tentando?

Mônica Francisco

Imparcial? E aí você fala para mim que você hoje, enquanto pensadora alguém que que leva o pico da coragem grudado em você, para olhar de cima, né?

Mônica Francisco

Para ter uma visão ampla de tudo.

Juliana França

E estando conectada, porque meu pé está no chão, está nesse.

Mônica Francisco

Sentindo conexão.

Juliana França

Sente.

Mônica Francisco

Conexão e aí você está dizendo para mim que, mais do que representatividade, a gente precisa de proporcionalidade, né? E no momento em que há uma grande discussão sobre é a pauta chamada identitária.

Juliana França

É um conflito.

Juliana França

Que gerado porque cooptaram a palavra identidade, identitarismo o mercado cooptou e o mercado eu falo o capitalismo, sistema econômico cooptou uma pauta importante e que não é só uma pauta, é uma discussão de vida.

Juliana França

Pra vida e pra transformar vidas e, sobretudo, manter vidas negras, indígenas, pessoas que são minorizadas vivas. Então não é uma situação tão simplória, mas quando o mercado coopta, esse conceito, ele banaliza. E aí todo mundo acha que pode falar qualquer coisa que seja sobre o conceito de identidade.

Juliana França

Se desconecta da realidade, se desconecta do sangue que tá correndo dentro da favela, se desconecta do rapaz que é entregador do iFood ou de qualquer outra é que que é entregador que toma um tiro de um policial, se desconecta das vidas que estão sendo ceifadas diariamente. E aí a gente precisa olhar que vidas são essas, estão sendo ceifadas, que vidas são essas que estão sendo precarizadas.

Juliana França

Que aí, aí fica o conceito, parece uma coisa, é isso quando alguém fala, Ah, você estuda filosofia, mas só fica no Mundo da Lua, na abstração. Filosofia não é abstração, identidade não é abstração. A gente está falando de vidas, de pessoas, a gente não está falando de números, a gente está falando de pessoas.

Juliana França

E aí a gente não pode banalizar pessoas, a gente não pode banalizar vidas, e a gente precisa ser honesto, lidar com honestidade. E aí o que eu vejo?

Juliana França

O que há é uma desonestidade, uma desonestidade intelectual, moral e ética. Porque não é possível que a gente tenha vivido, vivenciado 300 e poucos anos de escravidão. E a pessoa ela fala, Ah, mas isso a questão da identidade racial.

Juliana França

Ela anula outras questões importantes, como a de classe, por exemplo. A gente não tá

fazendo disputa aqui de opressão.

Juliana França

A gente está querendo. Eu encontro uma pensadora negra jovem, que olhe pra situação com honestidade e com ética. Você olha pra situação e consegue discernir o que que é, o que faz sentido, o que que não faz sentido.

Juliana França

Aí agora você falar pra mim, virar pra mim e falar, Ah, não faz sentido a gente discutir a mãe, a menina negra que está grávida e assassinada. Isso é menos importante do que a que o outro. Como se isso é recorrente diariamente, isso está acontecendo.

Juliana França

Todo dia. Como que isso não é importante? Os mesmos corpos, as mesmas pessoas.

Juliana França

E aí eu encontro esse lugar de que tá no Pico da Coragem, olhando tudo acontecer e vivenciando e também tendo meu corpo atravessado por tudo isso diariamente. Eu não posso me furtar e ouvir isso sem rir, porque é o mínimo que eu posso fazer aqui diante das câmeras.

Juliana França

Rir porque é uma imbecilidade assim é uma coisa que não faz sentido. É uma desonestidade intelectual, Mônica. É uma coisa que eu eu fico.

Juliana França

É uma coisa assim. Pensar e agir dessa maneira é ser cúmplice de um genocídio que está acontecendo no Brasil há mais de 400 anos.

Mônica Francisco

Eu pensei uma coisa aqui, já que eu converso com uma mulher.

Mônica Francisco

É da filosofia uma intelectual. Alguém está pensando no mundo, uma intelectual orgânica que pensa o mundo a partir do seu lugar, né? Essa pauta que vem vem gerando todas essas discussões, né?

Mônica Francisco

Entre AO identitarismo EAO mais importante se configura na luta de classes. É e a sua fala também remete a é.

Mônica Francisco

Quando?

Juliana França

O

Mônica Francisco

conteúdo eurocentrado ele não basta para o teu olhar o mundo e você precisa ir buscar o conteúdo, né? De Kenneth, o conteúdo ancestral do continente africano, né? Produzido no continente africano ontem, hoje, né?

Mônica Francisco

Isso te ajuda a.

Mônica Francisco

Conformar um olhar sobre si, sobre o seu território, sobre o mundo. E aí eu fico pensando se se isso não tem um pouco de conexão, né, que seria a partir do momento em que esses atores que se encontram no grupo, né? Denominado identitário, mulheres, pessoas negras, indígenas, pessoas.

Mônica Francisco

É que fazem parte da população LGBTQIPNA+, pessoas com deficiência, enfim, é buscam conhecimento profundo sobre si, sua trajetória, sua história, as memórias que lhe constituem, lhe dão identidade, repertório, se isso também não seria uma.

Mônica Francisco

Uma disputa entre a produção de sentido eurocentrada sendo é de alguma forma questionada ou é eu vou ser questionada mesmo a partir do acesso a esse conteúdo? Afrocentrado nas é na filosofia, nas ciências de modo geral.

Juliana França

Um processo que é.

Juliana França

Eu vou pra universidade e me deparo com o conteúdo eurocentrado, eurocêntrico. A partir desse contato eu me dou conta que não faz sentido pro meu corpo, não dá conta da minha existência, da minha vivência, não faz sentido. Eu não me vejo ali.

Juliana França

E aí eu preciso de um processo de identificação com a filosofia africana a partir do professor Renato Nogueira.

Juliana França

E aí ele me dá subsídios para pensar outras existências possíveis para além daquela estabelecida pelas filosofias eurocentradas. Então, a partir das filosofias africanas, eu

consigo de alguma maneira voltar para o meu território. E também com a bagagem adquirida de conhecimento produzido no meu próprio território.

Juliana França

O Nego Bispo vai falar muito sobre isso, sobre a construção e produção de conhecimento no próprio território, de como a como esse conhecimento emana da Terra.

Juliana França

Então tem essa junção da sabedoria, é das filosofias africanas, da das sabedorias que estão ali no meu próprio território, que vem da minha madrinha, da minha mãe, meu grupo de teatro, da tia, da merenda dos meus colegas de sala de aula. A gente junta tudo isso para produzir saúde coletiva.

Juliana França

Para pensar e criar estratégias de sobrevivência. Então, em síntese, para mim é isso, eu faço um movimento, eu quero entrar na universidade, quero realizar esse sonho, quero me deparo estranho, quero recuar, quero sair mais dentro da própria universidade. Por isso que foi tão importante ter continuado, eu consigo encontrar uma outra rota.

Juliana França

Tinha uma referência, tinha uma referência lá dentro que era o Renato Nogueira. Ele me dá subsídios para pensar outras possibilidades e a partir dessas possibilidades.

Juliana França

Eu já com as minhas próprias possibilidades criadas dentro do meu grupo de teatro. Como é coletivo de jovens negros, brancos e pobres, a gente começa a fabular e eu consigo também, a partir desse contato com essas várias diferenças, continuar pensando possibilidades de sobrevivência, estratégias de sobrevivência e de dignidade. Porque aí tem um lugar da sobrevivência, mas é uma busca pela dignidade.

Juliana França

A dignidade da vida humana, dignidade da natureza, dignidade animal, é uma busca pela dignidade. Então, meu trabalho artístico, profissional, ético, é pautado na busca pela dignidade. E isso olhando muito pro continente africano, pelas filosofias africanas, pra aqui, pro Brasil, pros povos originários, porque tá aí o conhecimento, o que que coisa básica.

Juliana França

Vamos preservar o meio ambiente, o Rio, vamos preservar o chão que a gente pisa.

Juliana França

Para que explorar a ponto de acabar? E isso sim, não foi o Platão que me ensinou, não foi Aristóteles que me ensinou, não foi Hannah Arendt que me ensinou, foi o Nego Bispo, foi a minha mãe, foi a minha madrinha, foi Ailton Krenak, e aí a gente vai criando essas

cosmogonias para se lançar no mundo.

Juliana França

E produzir conhecimento e trocar saberes. Acho que é um pouco por aí, mas com certeza assim toda é. Ter tido contato com filosofias africanas fez toda a diferença na minha Constituição.

Juliana França

Enquanto uma professora de filosofia, enquanto uma artista que pensa o território, enquanto uma mulher negra, bissexual, pobre, que tá no território e sequer viva.

Mônica Francisco

Me fala um pouquinho dos seus pais, da sua família.

Juliana França

Minha mãe é mãe, sogra, sou fruto de uma relação extraconjugal, então eu tive pouco contato com meu pai, então a minha mãe. Eu sou irmã de 6, tenho 6 irmãos, eu tenho sobrinhos lindos, minha mãe é trabalhadora doméstica, camelô também é a minha irmã Carol, ela é atriz também, cada um foi seguindo uma área, somos.

Juliana França

6 mulheres e um homem. Então, a família, majoritariamente formada por mulheres. A minha mãe sempre me incentivou a estudar, pegava na minha mão para me ensinar a escrever, me ajudou a me educar.

Juliana França

Assim como eu, minha madrinha também é a minha família, é a coisa mais preciosa que eu tenho na minha vida. Pode acontecer o que for onde quer que eu esteja. É para lá que eu volto.

Juliana França

É lá que é meu Porto Seguro, a minha mãe, tipo me assistindo na minha primeira peça assim, tipo com 16 anos, eu tava na plateia, eu fui, achei esses dias o panfleto na minha primeira peça de teatro. Ela tava nos agradecimentos, que eu não lembro nem o que que ela fez, mas provavelmente ela colaborou com alguma coisa na peça e o nome dela tava lá. Então a minha família sempre me me incentivou muito e sempre foi esse Porto Seguro pra mim.

Juliana França

Então a minha família é uma família matriarcal.

Juliana França

Formada por muitas mulheres e muitas crianças, que é a saúde da minha família. São, sei lá, são umas 7 crianças, muitas crianças, muitas crianças. Então, é onde a nossa saúde é

produzida, no quintal dessa casa, com essas crianças e essas mulheres.

Mônica Francisco

Qual foi o dia mais difícil da sua família e o dia mais feliz?

Juliana França

O dia mais difícil da minha família é, acho que é quando alguém da família se vai desencarna, né? A gente ainda tem um eu ainda tenho um processo muito Ah, tô tentando entender mais a morte, tentando compreender a passagem. Mas quando a passagem é abrupta e você acha que poderia ter tido uma solução, fica mais difícil.

Juliana França

Recentemente, a minha madrinha, Lenita Alves desencarnou, então foi um choque para toda família.

Juliana França

Porque ela era como uma mãe para todos os filhos da minha mãe, era uma irmã, é da minha mãe assim. Então foi um momento bem difícil. A madrinha teve um AVC há mais ou menos 2 meses.

Juliana França

Ela desencarnou, então até hoje é uma sempre conversa para manter essa memória viva da minha madrinha. Então a gente faz exercício.

Juliana França

E a Lenita, ela faria isso, estaria fazendo isso. Ela estaria feliz com isso, trazendo ela pra pro ambiente familiar. Mas com certeza esse foi um dos momentos mais tem sido na verdade, um dos momentos mais tristes pra gente.

Juliana França

E o momento mais feliz eu acho que não é um só. Eu acho que o momento mais feliz eu vou usar o momento, mas é toda vez que uma criança nasce.

Juliana França

Toda vez que uma criança nasce é o momento mais feliz da minha família. Então a gente já teve muitos momentos felizes, porque muitas crianças nascem na minha família. Então, toda vez que uma criança nasce, os votos de desejo de viver são renovados.

Juliana França

Então, recentemente a criança mais nova que nasceu é meu afilhado sobrinho, que tem 7 meses. O Vicente é meu sobrinho afilhado e acho que é isso. Assim, toda vez que uma criança nasce, a gente é feliz.

Mônica Francisco

E até onde vão as suas raízes?

Juliana França

Muito boa pergunta, até onde vão suas raízes? É uma dramaturgia que criei tem mais ou menos uns 3 anos e é uma dramaturgia muito importante, porque sou uma mulher de axé e eu tive um sonho no momento que eu tava pensando em desistir do mestrado. Minha vida é feita de tentativas e de existências reinícios.

Juliana França

E eu estava pensando em desistir do mestrado, faltava dissertação para escrever e me deram um mês para escrever uma dissertação. Falei, tá, vou reunir todo o material que eu tenho aqui de bibliografia e vou passar essa Monte estudando, estudando, estudando, estudando, estudando. E deitei para dormir, quer dizer, dormi em cima dos livros ali.

Juliana França

E aí eu sonhei. E eu vou compartilhar com vocês esse sonho que já foi.

Juliana França

Me dada a permissão, eu sonhei que eu tava, que eu era uma criança, tinha mais ou menos 7 anos. E eu estava numa aldeia, casas de Sapé, em círculo, e tinha uma árvore no meio. E tinha um senhor idoso, muito idoso, retinto, contando histórias pra outras crianças.

Juliana França

Retintas assim também. E eu não entendia nada do que ele falava.

Juliana França

Mas eu estava ali, atenta com as outras crianças, olhava, olhava para ele e não conseguia entender. Em determinado momento, ele começa a tossir e cai, desfalecido do assustado com aquilo tudo que está acontecendo, ele cai, vem uma mulher retinta também cobre, começa a fazer uma oração. Eu falei, Ah, pensando eu estou no enterro, que isso morreu aqui.

Juliana França

E aí eu olhando para aquele senhor caído, coberto, de repente, isso no sonho, ele.

Juliana França

Levanta se um lençol que tinha que estava cobrindo ele e olha para mim com os olhos satelados, eu me assusto, começo a correr e o senhor vai levantando e rejuvenescendo. Conforme ele vai levantando e caminhando, ele vai rejuvenescendo e vindo atrás de mim e alguém grita, é Exu e eu correndo, desesperada, correndo, correndo, entro numa casa e fecho a porta assim, isso ainda dentro da aldeia. E aí eu vejo que esse homem, agora jovem, alto.

Juliana França

Está parado para o lado de fora da porta e eu dentro da casa assim, numa poltrona, e eu falo, é, se for de bem, vem e se for de mal vai. Aí a porta abre sozinha e ele entra dentro da casa. Eu estou assim e ele está com 2 crianças no colo, me entrega uma e fica com outra no colo e a criança começa a crescer.

Juliana França

E aí eu olho para um lado, tenho senhoras com turbantes coloridos.

Juliana França

Falando eu sou Iemanjá, eu vou te contar a minha história, eu sou Erumalu, eu vou contar a minha história, eu sou Exú, eu vou contar a minha história todas ao mesmo tempo e eu ali no meio e aí começa uma festa, uma gritaria, criança que fazendo mais, quebrando luz e risadaria não sei o quê. E aí eu acordo de manhã já na minha casa, em volta dos livros e aí eu escrevi esse sonho, escrevi esse sonho e fui.

Juliana França

No terreiro de umbanda que eu frequento e contei, falei, ó, aconteceu isso, e isso e isso e isso e isso e isso. Eu queria transformar essa história numa peça de teatro, posso? Perguntei para o seu Marabô, mas o Marabô.

Juliana França

Ele falou assim, não estou te entendendo, não sei porque que você está me perguntando isso, essa história é sua, essa história foi te dada, fica à vontade. E aí?

Juliana França

Eu escrevo a minha dissertação em 1 mês, defendo passo com 10, escrevo uma peça de teatro em homenagem a Exu. Uma peça de teatro e homenagem a Exu pra crianças é o infante juvenil, que é o sonho de uma menina negra que quer saber até onde as suas raízes podem ir. Então, o sonho dela é saber o que que a vó gostava de comer, qual era a cor preferida do bisavô.

Juliana França

Então, Exu é o companheiro dela de viagem.

Juliana França

E eles vão saltando no tempo, encontrando os ancestrais dessa menina. E aí ela vai conhecendo o tio que ajudou a construir a Dutra. Eu tenho um tio que ajudou a construir a Dutra.

Juliana França

E aí eu vou homenageando alguns parentes, vou homenageando algumas figuras históricas

africanas, né? Importante.

Juliana França

Ou do tronco cultural urubá ou do tronco cultural banto. E são figuras que vão aparecendo nessa dramaturgia, como parentes, como raízes dessa menina negra que quer saber a cor preferida, a comida preferida dos seus ancestrais.

Mônica Francisco

AI, que lindo. Eu quero falar com você um pouquinho sobre a pandemia, né? Sim, deve ter sido também um período de muita reflexão para além da ação, né?

Mônica Francisco

Uhum, como é que foi?

Juliana França

Eu tentei.

Juliana França

Pensar. Mas não tinha muito tempo pra pensar nas coisas, porque a minha mãe é trabalhadora doméstica, continuou trabalhando, indo pra pra casa da das pessoas que ela trabalhava. A primeira pessoa que morreu no Rio de Janeiro foi uma trabalhadora doméstica.

Juliana França

Muito perto de Japeri. Miguel Pereira é eu fazendo parte de um grupo de teatro, uma instituição e também que tem muito, muita.

Juliana França

Muito é isso, muita ligação com o território. A gente não está apartado do território e entendendo as especificidades daquele território também. Então, durante a pandemia surgiu, quer dizer, materializou um lugar do trabalho humanitário que foi o nós por nós.

Juliana França

A gente está na ponta, ninguém está chegando para fazer por nós, então nós mesmos vamos fazer por nós. Então é eu, particularmente artisticamente, vou.

Juliana França

É criar um trabalho artístico refletindo esse lugar de dentro da minha casa, que era um momento em que se pensava, é distanciamento social, ventilação e tudo mais. E saiu uma matéria que diz que é na região metropolitana e mais especificamente em Japeri. Mais de 3 pessoas dividiu o mesmo quarto dormitório.

Juliana França

Então, eu falei, cara, é isso, eu preciso falar disso.

Juliana França

Na época, o Sesc tinha me encomendado no trabalho, porque eles também estavam nesse trabalho de pagar, sei lá, 1000 reais lá pros, né, pros artistas. Aí eles me pagaram lá um dinheirinho e aí eu criei essa performance. E aí é no território, é isso, muitas pessoas sem trabalhar, sem poder sair de casa e sem ter política pública que assistissem essas famílias, essas pessoas.

Juliana França

E aí o que começa a ser feito? O grupo Código.

Juliana França

E capitaneado pela Rita Diva, que é uma das referências para mim, uma das fundadoras do grupo Código e que faleceu em decorrência da complicação da COVID. Foi uma das pessoas, junto com o grupo código, outras pessoas ali também, que arrecadou mais de 40000 itens entre cesta básica, higiene pessoal e máscara para distribuir para a população. Então, o grupo Código, nosso espaço cultural, foi um polo de distribuição de cesta básica.

Juliana França

A Rita, o Júnior, que é outro integrante do código, a gente fazendo todo o mapeamento dessas pessoas que estavam em situação de vulnerabilidade, colocavam cesta básica na bicicleta e ia até os lugares mais afastados dentro do nosso território para entregar essa comida para as pessoas. Então, dentro da pandemia, a gente conseguiu como o grupo código, como uma instituição se articular com outras instituições, levar cestas básicas para Japeri e redistribuir.

Juliana França

Para as pessoas que estavam em situação de vulnerabilidade naquele momento, então teve essa ação, que foi uma das ações, acho que uma das ações mais significativas na história do grupo na questão de ações humanitárias. E em contrapartida, estava com uma questão pessoal que é isso, né? De parte do.

Juliana França

Pessoal e vai pensando, pensando e pensando, e quanto mais pessoal a gente é? É metodologia criativa, né? Quando você mais indivíduo, quando você está conectado obviamente com território, quanto mais no indivíduo, mais pessoal é a sua questão, mais você consegue replicar isso pra outras pessoas.

Juliana França

Então, eu tinha uma questão muito pessoal que era minha mãe, empregada doméstica, estava indo trabalhar, se deslocava a 60 e.

Juliana França

54 km pra ir, 54 km pra voltar de trem. No momento que as pessoas estavam morrendo, no momento que não tinha vacina, não tinha nada, perspectiva nenhuma. A gente não sabia o que estava acontecendo direito.

Juliana França

Eu estou falando de março de 2020, abril de 2020.

Mônica Francisco

Ali no epicentro da pandemia, né? No.

Juliana França

Momento pós Carnaval?

Juliana França

As pessoas sendo contaminadas, as pessoas morrendo, a gente não entendendo direito, a gente acha é decretado lockdown. A gente não achava que iria durar 15 dias, a gente e se estendeu por 2 anos. Então, e aí eu penso, a gente precisa fazer alguma coisa para essas mulheres que estão indo trabalhar, prestar serviços para outras famílias e não estão podendo ficar com as suas próprias famílias.

Juliana França

Porque é um é, é sintomático o trabalho doméstico no Brasil, é sintomático, é reflexo.

Juliana França

De um período escravocrata do Brasil. E quando a minha mãe, uma mulher negra, continua a ir para zona sul para trabalhar, limpar a casa de uma família branca? E aí eu joga isso no Instagram, isso eu joga nas redes sociais, falo, ó, estou chamando filhos e filhas de trabalhadores domésticos para criar um movimento para a gente pensar no que que a gente pode fazer para que essa situação com as nossas mães não continuem.

Juliana França

E aí aparecendo, sei lá, mais de 200, 300 pessoas, porque eu já criei o link no WhatsApp, tipo, botei na No No post o link pro WhatsApp, então as pessoas já iam clicando, e entrando direto pro grupo e a gente já ia se articulando. E aí em 2 dias a gente criou uma carta manifesta. Essa carta pode ser achada e foi assinada, sei lá, por mais de 300000 pessoas.

Juliana França

Saiu em tudo que é jornal e se manifesta em revista e isso, essa visibilidade, Ela Foi transformada em dinheiro.

Juliana França

E todo esse acho, sei lá, mais de 30000 reais todo. Todo esse dinheiro, ele foi revertido para

as mulheres trabalhadoras. Então, a gente entrou em contato com o sindicato das empregadas domésticas.

Juliana França

A gente foi entrando em conta, criando uma rede de filhos e filhas, pessoas parceiras, é sindicatos, é imprensa, para fazer uma mobilização para que essas mulheres trabalhadoras domésticas pudessem ficar em casa.

Juliana França

E que as pessoas parceiras que tivessem possibilidade colaborassem financeiramente é ou diretamente para as mulheres que a gente já fazia deixava, já a gente botava em contato, né? O dinheiro não vinha pra nossa conta. A gente pegava a conta da mulher, a pessoa doadora, e fazia o match, né?

Juliana França

Fazia o contato, então a pessoa já doava direto pra pra mulher que trabalhadora, né, pra essa pessoa que estava precisando desse dinheiro no momento. Então foi um movimento que durou.

Juliana França

4, 5 meses que aí depois começaram as políticas públicas, algumas políticas públicas e pautas muito a partir da Benedita da Jandira, pessoas e mulheres que ficaram à frente é dentro do Congresso para pautar a questão das trabalhadoras domésticas, das empregadas domésticas. E aí? E a gente só foi fazendo balancete, mediando e fazendo os contatos enquanto filhos e filhas de trabalhadoras domésticas.

Juliana França

Então foi um movimento.

Juliana França

Que que é isso? Foi foi aí que eu comecei a entender o meu poder de mobilização. Falei, cara, eu consigo criar uma mobilização, as pessoas escutam o que eu falo, e aí depois eu fui tentando entender porquê disso, né?

Juliana França

Porque é isso, não, não é isso. Estou conectada com coisas que não ficam só no discurso, né? A coisa acontece na prática, então acho que isso faz toda a diferença.

Juliana França

As pessoas viam que estavam acontecendo e aí passa uma credibilidade. E aí eu eu botava minha cara para falar e é isso. Se desse alguma coisa errada, Era Eu.

Juliana França

Eram as outras, os outros filhos, as outras filhas que também estavam colocando a cara, ó, a gente está aqui, a gente está querendo fazer esse movimento acontecer. E ele aconteceu. Então a gente fez muitos parceiros.

Juliana França

Muitos parceiros, desde por conseguir cesta básica, desde que consegui doação, enfim, foi um movimento bem, bem importante. Assim, nesse período é de epicentro da COVID-19 no Brasil, em que se pautou a questão das trabalhadoras domésticas.

Mônica Francisco

Caminhando um pouco para trás, né? Na Na linha do tempo, hoje eu queria que você falasse de 2 questões que atravessam toda essa mobilização que.

Mônica Francisco

Você contou para a gente agora? Uma é a comunicação popular comunitária, de base comunitária, e a outra é a questão da saúde. Como é que era a questão da saúde na sua infância?

Mônica Francisco

Que você lembre no seu território como é hoje. E a questão da comunicação popular, da informação, da partilha de conhecimento.

Juliana França

Eu tenho a minha carteira de vacinação em dia, é um orgulho, orgulho pra minha mãe também. Então desde então tem uma minha primeira carteira de vacinação, então que minha mãe guardou, faz questão e renovei tudo em dia assim, porque era uma. Acho que é uma coisa muito cultural da minha mãe, a Rosinha, né?

Juliana França

A Rosinha, a minha Rosinha. Hoje tá Rosinha, não sei se.

Juliana França

Você foi perdendo a cor, mas era Rosinha assim, com os carimbos todos ali. Então, sempre lembro dessas políticas, campanhas de vacinação. É minha primeira memória de infância, campanha de vacinação gotinha.

Juliana França

Vai tomar a gotinha? A minha primeira memória aí num posto de saúde, é para tomar a gotinha e lembro do gosto.

Juliana França

Hoje, assim, trazendo é soro, parecia um soro assim, uma. Então, minha primeira memória é dessa, tomar vacina, tomar gotinha. Então eu lembro, é essa a memória que eu tenho e mais

recentemente, a memória é muito emblemática e bonita.

Juliana França

Japeri foi a primeira cidade da baixada Fluminense a vacinar contra a COVID.

Juliana França

Já perdeu o município que ao longo da história, ao longo dos seus 32 anos de emancipação, foi muito precarizado e ainda é muito precarizado em vários níveis. Eu não falo que a cidade é precária, Ela foi e é precarizada em várias instâncias, porque AA cidade ela tem muitas potencialidades no turismo, meio ambiente, econômica, mas enfim, por conta de uma questão política estrutural, a cidade é precarizada.

Juliana França

Mas, felizmente, no início da pandemia da COVID-19, já Peri foi o primeiro município da baixada Fluminense a vacinar os seus munícipes. Então é uma coisa que me orgulha, é uma coisa que eu falo já e eu divulguei muito. E aí entra a questão da da comunicação, porque a gente fez questão de divulgar.

Juliana França

A gente estava tomando os cuidados necessários nas ruas, distribuindo.

Juliana França

Álcool em gel, máscara e comunicando as pessoas pelo WhatsApp, colocando faixa de rafia para comunicar as pessoas sobre a importância de usar máscara, de usar álcool em gel dentro da de todas as dificuldades, porque é isso. Assim a gente pensar, tipo, cara, a pessoa não tem o que comer, é isso? Sobre não ter o que comer?

Juliana França

Não sei se eu vou me alimentar. Hoje está me pedindo para usar álcool, a minha. A minha barriga está vazia, tá?

Juliana França

Eu vou me articular para chegar a comida. E aí a gente vai nos grandes movimentos aqui do Rio que estavam fazendo essa distribuição e vai falar, a gente tem um lugar para guardar essas cestas básicas e a gente consegue se articular, conversar com as pessoas e aí num território.

Juliana França

Que é muito precarizado. Às vezes nem o WhatsApp é o suficiente. E aí que entra o trabalho comunitário de fato, das grandes lideranças comunitárias, que é colocar a sua máscara, o seu álcool em gel e bater de porta em porta.

Juliana França

Que foi isso que Rita Diva fez? Otá é a cesta básica na garupa da bicicleta e pedalando de porta em porta.

Juliana França

E entregar a cesta básica. E muitos outros e outras fizeram esse mesmo movimento durante a pandemia, porque a comunicação comunitária ela se dá na e com a comunidade e você precisa entender quais são as potencialidades, as potencialidades daquele território, as potencialidades de comunicação. Então, no meu território, eu sei que uma coisa funciona, carro de som.

Juliana França

Se você botar uma bicicleta de som, um carro de som, anunciando coisas, vai funcionar. Vai bombar rafia, vai bombar WhatsApp agora um pouco mais, mas há 3 anos, e de porta em porta funciona também. A gente tem que estar na rua E a Rita foi para ela, falou, eu vou.

Juliana França

E ela conhecia todas as pessoas. E ela conseguiu eleger uma prefeita para Japeri assim.

Juliana França

Pegou na mão, essa é fulana de tal, você conhece essa é fulana de tal, essa é fulana de tal. E aí a Rita, ela vira secretária de cultura e aí organiza todo um plano de ação. 34 meses depois, ela falece em decorrência de complicações da COVID.

Juliana França

É, mas deixou um legado imenso.

Juliana França

O grupo código as ações humanitárias, o plano de ação para cultura para Japeri, que está sendo executado de modo incrível ainda hoje. Então eu acho que o trabalho e a comunicação comunitária, ela se dá um tête à tête, no olho, no olho, na conversa.

Juliana França

Nesse momento específico da COVID, que tinha que ter o distanciamento, você coloca sua máscara, seu álcool em gel e vai pra rua. Muitos e muitas de nós se arriscaram dessa maneira pra que muitos e muitas pudessem sobreviver. E a gente sobreviveu graças também a esses muitos e muitos que foram pra rua se.

Mônica Francisco

Você tivesse que descrever Japeri?

Mônica Francisco

Como você descreve uma pessoa como você descreveria é?

Juliana França

Muito difícil, porque assim eu tenho muito a primeira coisa. A primeira frase que vem na minha cabeça é a cidade que tudo tem. Mas eu tenho muito medo, muito receio que isso vire, que as pessoas achem que é 11 questão utópica.

Juliana França

E as utopias são importantes também.

Juliana França

Mas é porque recentemente a gente passou por uma situação bem difícil no município, pessoas morreram em decorrência é das enchentes provocadas pela chuva. E uma das entrevistas que eu vi que mais mexeram comigo é nesse lugar que é um senhor que perdeu o neto. Ele falava que é, parece que o Japeri não tem nada.

Juliana França

E aquilo mexeu muito comigo, porque como não concordar com esse senhor que acabou de perder um ente querido? E ele tem uma fala muito lúcida nesse lugar, porque a fala dele segue. Parece que Japeri não tem nada.

Juliana França

Parece que não olham pra Japeri, parece que não cuidam de Japeri. E aí eu fico pensando se Japeri é um lugar que merece ser cuidado, olhado.

Juliana França

É um lugar que tem muita beleza, é um lugar que tem muita vida, é um lugar que exala muita cultura, muita arte. E quando esse senhor fala sobre isso, parece que ninguém olha, parece que ninguém cuida. Eu acho que parte muito desse lugar de dele também, de, em alguma medida, perceber que é a potencialidade no lugar.

Juliana França

Então acho que eu descreveria Japeri como um lugar que tem muitas, muitas potencialidades, muitas coisas já realizadas e concretizadas, porque parece que potência é uma coisa que ainda não aconteceu e está para acontecer. Tem isso também. Mas tem muitas coisas incríveis que já aconteceram e que estão fincadas, concretizadas e que são muitos, muito incríveis.

Juliana França

Então, se eu pudesse descrever, eu descreveria Japeri.

Juliana França

Como um bebê lindo, cheiroso, recém nascido e que merece ser muito cuidado e olhado e querido.

Mônica Francisco

Dentro desse contexto de saúde, educação, cultura, lazer, é a relação com Japeri as políticas públicas, né? Como é que é essa relação com o poder público local? Você falou da Rita Diva?

Mônica Francisco

Né, da da da chegada dela, do poder público, né? Da diferença que ela conseguiu fazer mesmo com pouco tempo, por uma, né? Infeliz fatalidade.

Mônica Francisco

Então que você falasse um pouquinho como é que é a relação com o institucional, já que você é vice presidenta também de um grupo, né? De teatro, que tem uma atuação muito forte no território. Queria que você falasse um pouco dessa relação.

Mônica Francisco

Com o poder público ou com a institucionalidade e as políticas públicas locais?

Juliana França

O grupo foi fundado por jovens artistas, né? Jovens pessoas com 16, 17, 20 anos, em 2005. Então, quando o grupo ele em 2007, é institucionalizado, formalizado, tem uns item no nosso estatuto que diz é o grupo não pode ter envolvimento político partidário, não pode apoiar.

Juliana França

Publicamente, candidatos. Mas desde o seu primeiro dia de existência, a primeira peça do grupo código é sobre política. É discutindo política pro território.

Juliana França

Questões do território, situações difíceis e situações agradáveis que aconteciam no território. Ao longo dos anos, a gente foi aprimorando e entendendo como que a nossa relação poderia se dar com a política institucional.

Juliana França

Então, agora, nesse exato momento, tem uma pessoa do grupo código em Brasília, na conferência nacional de cultura. Hoje a gente tem uma cadeira no conselho municipal de políticas públicas culturais em Japeri. Então a gente foi entendendo, enquanto sociedade civil organizada, como que a gente poderia estar.

Juliana França

Também participando da política institucional, já que a gente participava de modo muito ativo da política, né? Dos debates políticos, né? É através da arte, do teatro, das discussões mesmo.

Juliana França

E os integrantes sempre muito politizados, né? A Rita Diva é isso? Ela pegou na mão de uma candidata a primeira mulher eleita em Japeri.

Juliana França

Ela pegou na mão dessa candidata, foi batendo de porta em porta, ó, se conhece fulano e elegeu, conseguiu eleger essa mulher.

Juliana França

É um governo progressista que tem pela primeira vez na história uma pasta da cultura que é ocupada por um produtor cultural, uma pessoa formada em produção cultural. E essa pessoa, Ela Foi escolhida pela Rita, que se chama ele é Jorge Braga Júnior, atual secretário de cultura de Japeri e um dos fundadores do grupo código.

Juliana França

A Rita lá, quando Ela Foi convidada pela prefeita para ser secretária de cultura, ela falou, eu só entro se você for comigo. Ela é pedagoga, ele produtor cultural. Ele falou, tá bom, vou e foi.

Juliana França

Ela faleceu. Ele teve que entender se ele continuaria ou sairia. Ele entendeu que ele tinha uma responsabilidade nas mãos, que era dar sequência ao plano de ação que ela tinha criado.

Juliana França

E continuou, e continua, então, hoje.

Juliana França

A gente tem um diálogo muito aberto, é com a Secretaria de cultura do município. A gente é ajuda a pensar, por estar no conselho municipal de cultura, de políticas públicas para a cultura, a pensar políticas públicas para o município. Uhum é, e a gente está num debate público.

Juliana França

A gente abre o nosso espaço para quer debater, quer discutir, quer visitar, quer conhecer? Vamos, vem, vem todo mundo, vamos discutir.

Juliana França

Vamos trocar ideias sobre território, sobre cultura, sobre saúde, sobre educação. É vira e mexe eu tô, tô fazendo o vídeo porque é isso, né? De 2, 3 anos para cá, é isso, o Instagram, as redes sociais, o TikTok virou uma ferramenta fortíssima de comunicação e de reivindicação de coisas.

Juliana França

Então tem uma ponte que que tem lá, que junta Seropédica é Japeri, a ponte balança, mas não cai.

Juliana França

E essa ponte, ela é restaurada e construída é periodicamente por moradores. O poder público nunca mexe. Então vira e mexe eu tô indo nessa ponte, balança, mas não cai, para filmar as pessoas passando Por Ela e falando sobre isso.

Juliana França

A gente IA conseguir matéria no rjtv falando sobre a ponte. Então a gente tem uma ligação com o território, que a gente entende nosso poder de articulação, o nosso poder de mobilização para interferir nas políticas públicas. Então a gente tem, se a gente consegue mobilizar.

Juliana França

A gente entende que é um governo progressista muito melhor do que dos dos que já passaram até então. Mas nem por isso a gente vai deixar de pontuar e reivindicar coisas que a gente ache que seja necessário, o nosso espaço. Alagoas nessa chuva que teve, entrou muita água, a gente perdeu cenário, a gente perdeu o equipamento de som.

Juliana França

Então, cara, a gente precisa falar sobre isso.

Juliana França

Né? Não é porque tem um ex-integrante que está licenciado do grupo, ocupando a Secretaria de cultura. Não é porque a gente tem uma primeira prefeita que está no né lá na prefeitura que a gente não vai falar.

Juliana França

A gente precisa falar e mostrar as coisas que estão acontecendo. Então a gente, a nossa rua é, enfim, em governos passados foi uma coisa, é isso, você vai pensar saneamento básico, vai pensar, mobilidade urbana, você vai pensar é, é.

Juliana França

Tudo muito precarizado assim eles fazem, fizeram tudo de qualquer jeito. Então, só para se ter ideia, em frente ao nosso espaço cultural tinha um valão aí. O que que eles fizeram?

Juliana França

Tamparam o valão. É, é só isso, é só isso, tamparam o valão, chove aí, o que que acontece?

Mônica Francisco

É óbvio, é óbvio.

Juliana França

E aí as casas dessa rua que teve valão tão, tão soterrado?

Mônica Francisco

É, é, é.

Juliana França

Então, é só para exemplificar um pouco a tônica da questão, a cidade ela é construída, ela é pavimentada aonde o asfalto, chega de uma forma completamente desordenada e sem planejamento, a ponto de soterrar um valão e quando o enche, um volume de água muito grande.

Juliana França

As casas são alagadas. Então, o nosso exercício dentro da política institucional é usar o nosso poder de mobilização, de articulação para estar nos espaços também através do conselho municipal de cultura, a Nilma Mendonça, que é do que pode estar agora, nesse exato momento, participando de eixos de trabalho, de grupos de trabalho lá em Brasília, para pensar política pública para o território, para propor política pública.

Juliana França

Para o território, para os grupos da baixada Fluminense, para os artistas, para a população, para os agentes culturais de modo geral do nosso território. Aí eu amplio como, é uma política nacional, para a baixada Fluminense. Então, a nossa estratégia é estar nos espaços públicos, nos espaços de poder, através, né?

Juliana França

Dentro das nossas possibilidades, enquanto sociedade civil, para propor, para dialogar e também para quando preciso, pressionar e cobrar e reivindicar os nossos direitos.

Juliana França

Acho que é um pouco por aí.

Mônica Francisco

Como é que rola o associativismo, essa articulação local das lideranças e atores e atrizes locais?

Juliana França

A gente tem um movimento muito forte de artesãs, artesãos No No município, então elas são bem e eles são muito organizados, estruturados. É a gente. Uma coisa que funciona é associação de moradores.

Juliana França

Então a gente tem essa associação de artesãos no município, que é muito forte, e associação

de moradores. Associação é do meio ambiente, de trabalhadores rurais. São associações assim que são bem emblemáticas dentro, porque já peria um município, acho que 70% rural.

Juliana França

Então, tem uma articulação e essa articulação. Ela pode ser vista através dos conselhos municipais e aí a gente vai.

Juliana França

Para o conselho municipal de cultura, vai para o conselho municipal do meio ambiente, vai para o conselho municipal é da criança e do adolescente. Então, a gente vai se dividindo nesses mecanismos possíveis para a sociedade civil para conseguir ter força política. Então, eu acho que a gente entendeu.

Juliana França

Um modo é institucional para ser ouvido pela pelo poder.

Juliana França

Municipal, né? Então os conselhos municipais, eles funcionam dessa maneira? A gente tem grupos de WhatsApp, grupos com todos os artistas, agentes culturais do município.

Juliana França

A prefeitura da cidade também tem um cadastro com com mais de 400 agentes culturais. Então a gente está em contato e sempre que precisa a gente se articula para mobilizar coisas, para reivindicar coisas. Mas felizmente nessa gestão a gente tem tido um pouco mais de olhar.

Juliana França

Pra cultura. Mas queria fazer um adentro, porque a cultura dentro da estrutura de poder e de governo, né? Pensando educação, saúde, é sempre o Patinho Feio, né?

Juliana França

É sempre o Patinho Feio. É menos, é vista como menos importante às vezes, né? Porque ainda é muito cultural.

Juliana França

As pessoas acha supérfluo, que não é tão importante. Então, o trabalho do grupo Código também é mostrar que a cultura ela é importante, porque é a cultura que vai dar o senso de pertencimento.

Mônica Francisco

E ela foi fundamental, inclusive durante a pandemia, né? Inclusive muita gente.

Juliana França

Muita gente através das Lives, através das peças filmadas, das dos shows que foram feitos. Então nosso trabalho também é falar a arte e a cultura. Elas são importantes.

Juliana França

Para o senso de pertencimento, para criação de cidadania. Mas é um processo. E aí a gente vai para das escolas também.

Juliana França

Assim, é um outro caminho que a gente toma, entende? A importância foi o trabalho de base. É ir para das escolas, é ir para das das igrejas, foi o trabalho de base, porque senão a gente fica é falando, falando para para quem que a gente está falando?

Juliana França

Então aí quando a gente vai dar oficina de teatro nas escolas, a gente vê de fato quem está se formando, quem são os adolescentes, quem que vai estar votando daqui a pouco. E aí a gente faz o trabalho de base, aí vai fazer teatro na igreja. E aí a gente tinha uma parceria bem bonita com o padre da cidade.

Juliana França

Assim que ele, padre Jacques, infelizmente ele saiu, foi para outra igreja. Mas é africano, angolano, que ele estava numa paróquia em Japeri.

Juliana França

E ele estudou filosofia comigo, pense ele lá na rural. E ele assumiu uma paróquia em Japeri e ele era super a favor da cultura, da arte. E aí a gente fazia apresentações teatrais no pátio da igreja.

Juliana França

A gente chegou a fazer mais de duas apresentações no pátio da igreja. Então é num território que é muito precarizado, pensando em estrutura, as estratégias são essas, se filiar as escolas, as as escolas, as igrejas.

Juliana França

Está dentro dos conselhos municipais para a gente poder ter uma capilaridade, para a gente conseguir conversar e, de fato, realizar algumas transformações. Acho que é um pouco esse lugar que a gente vem ocupando durante esses anos. É com código a minha.

Juliana França

Meu trabalho também é individual, pessoal. Acho que é um pouco sobre isso.

Mônica Francisco

E o chaperi, você é de onde?

Juliana França

Eu morei boa parte da minha vida no bairro de Nova Belém.

Juliana França

E aí, há 3 anos, nós, mulheres dessa família, construímos uma casa no outro bairro. Primeira vez que a gente sai do aluguel, primeira vez que a gente tem uma casa, a gente constrói uma casa e a minha mãe, Catarina, tem a sua primeira casa própria. E aí a gente vai para esse bairro chamado Chacrinha.

Juliana França

E aí a gente está lá há 3 anos, morando na Chacrinha que é é muito tudo, muito perto. Assim, atravessou a linha você está em nova Enem do outro lado da linha Chacrinha.

Juliana França

Então, hoje a minha família mora na Chacrinha, porque a gente construiu, conseguiu construir uma casa lá, uma coisa boa, não acesso. É um sonho realizado assim.

Mônica Francisco

E como é que foi que vocês chegaram assim na casa que estava pronta?

Juliana França

Não, não estava pronta.

Mônica Francisco

Não estava não.

Juliana França

Estava pronta. Foi durante a pandemia também é a casa só está só tinha uns tijolos.

Juliana França

A minha mãe pediu pra pra fazerem uma instalação elétrica e foi isso, não tinha, não tinha teto, não tinha, não tinha. E aí minha mãe falou, vamos entrar, estou sem trabalho, não sei o que, vamos entrar. E aí não tinha porta, não tinha piso, era, é, é chão, chão, Terra batida, Terra batida.

Juliana França

E aí ela entrou.

Juliana França

Assim com as minhas irmãs, vamos embora. E é. E aí foi fazendo com a galera dentro.

Juliana França

E aí hoje a casa está bonitinha, com piso mó portão de vidro que ela queria lá de rebaixamento, tudo mais, a cozinha americana que ela queria, os armários embutidos e tudo mais.

Juliana França

Mas a gente entrou na casa só o chão. Não tinha porta, não tinha janela. Ela botava cortina na janela, não tinha tapume na porta e foi.

Mônica Francisco

Isso 2020 20 e.

Juliana França

Um 21, 2021 abril de 2021. E aí eu fui trabalhando também, tipo, mesmo à distância, né, fazendo trabalho.

Juliana França

Com a pandemia, consegui trabalhar muito mais assim por conta do computador, né? Então eu trabalhei muito assim, tipo fazendo consultoria, é dirigindo, fazendo assistência de direção, gravando, enfim, fiz muitas coisas e aí eu consegui juntar um dinheiro, aí eu peguei esse dinheiro, aí eu peguei esse dinheiro, falei, quer saber? Vou fazer os armários da minha mãe, vou colocar o piso, vou pintar e a casa está linda assim, tipo.

Juliana França

Linda, linda e agora tá construindo a segunda parte, a parte de cima, que são um dos quartos que ainda hoje é um único quarto. E aí na parte de cima agora a gente tá construindo os quartos com banheiro. Então assim, essa casa foi construída por muitas mulheres, trabalho de muitas mulheres.

Juliana França

Então é uma grande conquista. Uma grande Alegria ter pela primeira vez na história da minha família. Essa casa própria aí é tão.

Mônica Francisco

Bom, né? Quando você faz a obra assim, coloca.

Mônica Francisco

O piso, né não?

Juliana França

Assim, era uma coisa tipo, e escolher com ela o piso. Ah, vamos mãe, escolher o piso, qual piso que vai colocar? Não, esse eu acho que não, não sei o que, escolhendo as coisas, sabe?

Juliana França

Poder proporcionar isso com o meu trabalho é, acho que isso é uma coisa bem importante assim, falar também que é sobre gente que é negra. Assim fala pouco sobre dinheiro, né, sobre a importância do dinheiro.

Juliana França

Ah, dizem que o dinheiro não é importante e a gente precisa falar mais sobre o dinheiro, porque ele transforma a qualidade de vida das pessoas.

Mônica Francisco

Exato, o nosso dinheiro é coletivo.

Juliana França

E o nosso dinheiro é coletivo. Então todo o dinheiro que eu recebia, eu guardava uma parte e a outra parte IA para a casa de minha mãe, construía, guardava um pouco e guardava pra minha mãe. IA dividindo assim pra pra pro bem-estar da minha família, né?

Juliana França

E aí com esse o dinheiro que eu fui recebendo, eu fui, a gente foi.

Juliana França

Levantando a nossa casa, tornando aquele lugar mais digno pra gente ficar, existir, viver. Então, toda vez que falam comigo alguma coisa de trabalho, está tudo bem. Mas e aí, como que vai ser a remuneração?

Juliana França

Como que? Porque é importante falar sobre isso, porque a gente está falando sobre pessoas negras, sobre as suas subjetividades, sobre as suas especificidades. E falar sobre dinheiro é importante porque o dinheiro ele muda a qualidade de vida das pessoas.

Mônica Francisco

Que maravilha, como é que é a relação com a Juventude no território?

Juliana França

Essa geração de 33, 30 anos, a gente conseguiu ter uma bagagem política que parece que a galera que tem , 20, 25 anos agora tá meio isso. Não me interessa, isso não faz muito sentido pra mim. E aí a nossa estratégia é seguinte, vamos aprovar, editar e vamos escrever projetos e vamos chamar a galera pra trabalhar com a gente.

Mônica Francisco

Cruazinha do jeito que vem do.

Juliana França

Jeito que vem, vamos escrever, vamos aprovar os projetos e a gente vai chamar a galera. E

aí, quando o cola se apaixonou, começa a fazer sentido. Aí não quer sair, não quer desgrudar.

Juliana França

Então a nossa estratégia tem sido essa, vamos levar para dentro do nosso espaço. Aí, ali. É um mundo que a gente vai descobrindo juntos, juntas.

Juliana França

Então é através do teatro que a gente consegue trazer a Juventude para perto. E foi assim que eu cheguei, para discutir política. Foi assim que eu cheguei para discutir cidadania através da arte, do teatro, do cinema.

Juliana França

E essa é a estratégia que a gente utiliza através da arte, do cinema, do teatro. Vem com a gente, vamos embora, vamos fazer, vamos fazer.

Juliana França

E aí a partir desse momento que vamos fazer, você tem contato com o Milton Santos, você tem contato com o Augusto Boal, aí você tem contato com uma série de pessoas que são referências pra gente. E aí esse pensamento, essa política, essa prática é multiplicada. E aí dentro do código a gente tem uma metodologia que a gente chama de multiplicadores.

Juliana França

Você cola, aprende e multiplica o que você aprendeu pro pra próxima geração. Então a minha geração é essa, traz a galera e multiplica. O que você aprendeu com a geração anterior, que é a geração anterior é a geração da Rita Diva, eu já sou uma geração do meio e aí tem uma outra galera.

Juliana França

Então tem um movimento agora que a gente vai fazer curta metragem, a gente aprovou 6 editais, 6 projetos, e a gente vai fazer filmes em Japeri, com graças a lei e Paulo Gustavo.

Juliana França

Então a gente, o que que a gente está falando? Então a gente aí a gente vai chamar uma gata que ela é travesti, juvenzinha está nem aí para nada. Tá bata, te amo, é tá aí nem aí pra nada, não sei o que.

Juliana França

Ai, tia, não quero, não quero, não quero. Você vai ser protagonista de um filme.

Juliana França

Vai ser protagonista de um filme. Vai ter que se articular ali com as questões. Vou ter que debater ali as questões.

Juliana França

Tem que filmar, vai ter que estudar, vai ter que estudar. Então, assim, essa é a nossa estratégia a partir da arte, da cultura, que.

Mônica Francisco

Incrível.

Juliana França

Junta a galera e chama para trabalhar. É isso crua, não tem experiência. E aí você tem que ter.

Juliana França

É trabalho, é trabalho, é trabalho.

Mônica Francisco

É isso, é trabalho formado ao trabalho.

Juliana França

E é trabalho, então é uma coisa que tem nos dado muito tesão, vamos fazer muito prazeroso, vamos fazer, vamos chamar, é isso, pegar na mão, vamos fazer, se você é protagonista e aí é uma euforia, é uma alegria e vamos, vai ser bonito, e aí tem, vamos fazer outros curtos também e vou ser bonito e trazendo sempre a galera vai, Ah, não sei, vamos aprender, vamos fazer junto, não sei gravar como você pegar uma Câmera, vamos fazer, aí tem uma inteligência que adquirir.

Juliana França

Observando e sugando, controlar na Globo ele fica olhando todo mundo, tá, Ah, é assim que grava é assim, é, eu vou aprendendo também vou hackeando as paradas pra ensinar pros meus Ah, é assim que dirige, é assim que faz assim que eu opera um som assim que o microfone, Ah, beleza, então quando chegar lá no set, Ah, não sabe, eu já sei, é assim, ó, vamos embora, a gente faz junto.

Mônica Francisco

Juliana, duas questões assim muito importante a primeira.

Mônica Francisco

É sobre as novas tecnologias, as juventudes, né? Você falou dessa coisa da Juventude, de trazê Los a partir, né? Das montagens dos editais.

Mônica Francisco

A gente tem visto muitos influenciadores em favela, influenciadoras, né? É o uso das novas tecnologias, isso no cinema, em em várias áreas. Como é que você vê isso sendo você uma pessoa das artes, né, da cultura?

Mônica Francisco

A utilização dessas novas tecnologias, dessas novas ferramentas neste contexto?

Juliana França

Eu tento estar sempre atendida, mas eu nunca vou dar conta de tudo. Então, por isso sempre bom ter a Juventude perto. Eu estou trabalhando com o rapaz, que se chama Mateus Coelho.

Juliana França

Ele é diretor, me chamou para dirigir o filme dele com ele. E aí ele é de Japeri também.

Juliana França

E aí ele super domina inteligência artificial.

Mônica Francisco

Olha, incrível isso, né?

Juliana França

Então aí ele, Juliana, dá pra fazer isso, aquilo outro. Eu falei, Mateus, mas como assim você vai trocar a cor do carro na inteligência artificial com o Photoshop? Mas não, mas é só pra fazer um retoque.

Juliana França

Então tem um desejo da Juventude por essas interações tecnológicas muito grande. Eu, enquanto uma pessoa que estou ali, mediando.

Juliana França

É encontros, situações. Eu preciso não ter nada nesse lugar. E aí já entendo, entendo há um tempo a força das redes sociais, do celular na, na, na mão e há 10 anos o código tava fazendo celular, é filme com celular.

Juliana França

A gente tem filmes no YouTube de há 1010 anos atrás feitos no celular. Pode procurar no YouTube do grupo código que vai encontrar. Então desde muitos, sempre assim, muitos, desde a história do começo da história do código.

Juliana França

As tecnologias foram aliadas. É para criação, para o produto artístico, para se comunicar com a comunidade. Então a gente tem filmes feitos com celular.

Juliana França

A gente já ganhou visões periféricas, que é um festival que tem aqui no Rio. A gente já

ganhou de melhor curta assim, fazendo um filme lá em Japeri, com o celular.

Juliana França

Então a gente tem esses lugares, esses interesses. E desbravando. Todo dia aparece uma nova tecnologia.

Juliana França

Eu com 33 anos de idade, apesar de jovem, tem muita coisa que eu não consigo acompanhar. Então eu estou trabalhando com um Monte de jovem, uma galera jovem mesmo, 18, 17 anos, 20 anos. E a galera domina as tecnologias, as novas tecnologias, assim.

Juliana França

Um salário de dedos. Então o Mateus é um bom exemplo, porque ele veio trazendo, ele construiu um boneco, a gente vai fazer um filme de terror na baixada Fluminense, então é um terror psicológico que se passa em Japeri. Então falei, vamos fazer, Mateus, vamos embora, vamos quer fazer, então vamos, estou contigo, vamos embora, vamos pensar, ele já tinha um roteiro, quer contar comigo, vamos.

Juliana França

E aí ele falou, Ju, eu vou ter uma ideia de boneco, aí ele foi construir o boneco, que é o meio que o protagonista, assim do filme, construiu uma inteligência artificial. Eu falei.

Juliana França

Eu fiquei boquiaberta, parabeneizei e falei, vamos embora, vamos fazer, é isso. Então, é como que a gente consegue aliar a tecnologia com o trabalho de base no território. Uma coisa não pode se distanciar da outra, né?

Juliana França

Por mais que a gente faça muitos encontros virtuais, a gente também prioriza encontros presenciais.

Juliana França

É importante estar tete a tete, olho no olho para as palavras não serem atravessadas pela tecnologia. Eu sou de 90, então ainda acho que a que a tecnologia atravessa a palavra um pouco, então, como que a gente consegue conjugar essas duas coisas? O diálogo tete a tete, com um diálogo tecnológico que se dá a distância, Cada Um na sua casa ou a partir mediado também pela inteligência artificial.

Juliana França

Então, eu acho que são coisas possíveis de serem conciliáveis super.

Mônica Francisco

E uma outra coisa que ficou aqui, né? E a gente eu queria muito saber. Eu acho que todo

mundo tá assistindo.

Mônica Francisco

Você quer saber porque o código se chama código o?

Juliana França

Código surge em 2005, com mais de 50 jovens da baixada Fluminense. Juntam essa galera no mesmo espaço de territórios diferentes, municípios diferentes, cada um falando uma língua, cada um com um modo de falar, com uma chacota, um deboche, uma coisa ali, e aí?

Juliana França

Tinha muitos códigos internos, o modo como eles e elas se falavam, se comunicavam, e aí chegou um momento que tinha que dar um nome para o espetáculo inicialmente, né? Então o nome vem de um espetáculo. Tinham que nomear o espetáculo, o primeiro espetáculo desse grupo.

Juliana França

E aí tava na época do código da Vinci, toda essa coisa, não sei o quê. E aí juntaram essas duas ideias, pô, a gente tem uma linguagem própria.

Juliana França

A gente, porque os professores vinham de fora, ou da Zona Sul do Rio ou do Vidigal ou do do Noz do morro. E aí eles falavam umas coisas que a maioria das pessoas ficavam sem entender. E aí alguém falava, não, vocês têm um código interno.

Juliana França

Aí vocês falam muito por código, que não sei o quê. E aí nessa discussão de qual vai ser o nome, qual vai ser o nome, e alguém falou, porque que não é código? E aí a peça vira o nome da peça, da primeira peça, é código.

Juliana França

E aí quando vai formalizar o grupo, como que essa companhia vai se chamar? Aí vira cia código de artes cênicas, uau. E aí, como a gente tem um espaço cultural, a gente tem uma companhia artística e tem um trabalho voltado para a comunidade, um pouco mais para frente, a gente resolve chamar de grupo código em todas.

Juliana França

Todas as ações do grupo estão englobadas nesse nome, grupo código.

Juliana França

E aí tem uma logo que um slogan que é criando uma nova linguagem, que eu acho um pouco assim, juvenil, acho um pouco juvenil, mas eu acho bonito assim, porque quando nasce o nome e é isso, eles tinham assim. Assim, a gente quer criar uma nova linguagem artística,

um modo próprio de se expressar e de falar artisticamente. E isso foi feito durante muito tempo na baixada Fluminense.

Juliana França
O código, enquanto.

Juliana França
Grupo que propunha a linguagem cênica. Então, a gente tem um espetáculo que são 16 andaimes em cena e joga pra um lado e joga pro outro. É música, é batuque, e isso.

Juliana França
Há 18 anos a gente discutia teatro documentário em 2014, quando nem se pensava no Rio de Janeiro ou na baixada Fluminense.

Juliana França
Entender que falar de si era político. E a gente já tava montando um espetáculo que a gente entendia que falar da minha subjetividade enquanto uma mulher negra, bissexual, de Japeri era um ato político, aconteceu. Às vezes as pessoas, a gente ir para festival falou, isso não é teatro, isso não é teatro, isso há 10 anos.

Mônica Francisco
Nossa.

Juliana França
E hoje as pessoas chegam para a gente. Lembra daquela vez que a gente falou aquilo? A gente tá fazendo uma coisa parecida e a gente queria que vocês vissem.

Juliana França
Então tinha essa coisa da Juventude, de criar uma nova linguagem, de propor coisas. É pro território cenicamente artisticamente. Então o grupo nasce é se é código de artes cênicas, criando uma nova linguagem.

Mônica Francisco
Incrível, incrível, incrível te ouvir é muito bom, né?

Mônica Francisco
Gabriel estava dizendo aqui que você tem uma presença atriz, né? Também, além de muito linda, de muito profunda, é, eu também me emociono bastante. Eu acho isso tão bom, porque quando a gente vem de lugares duros, a tendência é ir perdendo a sensibilidade às vezes, né?

Mônica Francisco
E como atriz, como mulher negra.

Mônica Francisco

Mas até como mulher negra, uma mulher sensibilidade tá aí, né?

Juliana França

Não me é uma coisa. Não me permita endurecer. É isso?

Juliana França

Não me permita.

Mônica Francisco

Endurecer eu queria que você falasse de qual pessoa quem te inspirou.

Juliana França

É, eu acho que é isso. Acho que é a que irrita essa figura, essa mulher negra, que é uma referência pra mim, muito próxima.

Juliana França

É educadora, pedagoga, agitadora, cultural, articulada, política, institucional. Também é uma mulher que que é uma referência e deixou um legado incrível. E a sensação que eu tenho é que esse legado precisa ser mantido e expandido.

Juliana França

E a minha função é manter e expandir. É Rita Diva, uma mulher negra, gorda.

Juliana França

De Japeri nascido e criado em Japeri, com familiares vindos do nordeste, pais nordestinos, é teve durante muito tempo uma escola para a primeira infância em Japeri. É uma educadora assim, foi uma educadora sem igual. Então, quando eu vi aquela mulher, e eu tinha 16, 17 anos e aquela mulher já era uma liderança dentro do território dela.

Juliana França

Eu nem não. Não consegui ainda organizar meus pensamentos. Mas tinha um lugar de olhar e falar, caramba, olha como essa mulher fala, olha como essas pessoas ouvem essa, essa mulher.

Juliana França

E aí com o tempo eu fui entendendo porque que as pessoas ouviam tanto essa mulher? Porque ela tava ali trabalhando diariamente porque ela estava ali pelo território.

Juliana França

Em todas as instâncias possíveis, na educação, na cultura e na política e nos trabalhos humanitários. Então, Rita Diva, Rita de Cássia, com o nome artístico Rita Diva, que ela

mesmo se auto declarou, Rita Diva é a minha referência próxima do meu lado, uma mulher negra, gorda e que pensou o seu território.

Juliana França

E que agiu no território do modo mais o modo que uma mulher negra faria.

Mônica Francisco

E você trouxe um objeto de memória, trouxe. Eu queria que você mostrasse para a gente que você falasse sobre ele, né? Qual é a relação, a importância?

Mônica Francisco

Para que você tivesse trazido escolhido esse objeto para conversar com a gente?

Juliana França

Eu trouxe esse bordado.

Mônica Francisco

Lindo.

Juliana França

Eu ganhei esse bordado de uma amiga chamada Natasha Corbelino e ela me entregou no dia da minha primeira despedida no dia foi em abril do ano retrasado.

Juliana França

E eu iria pela primeira vez para França, com o trabalho que foi criado a partir do livro Tortarado e do documentário Cabra Marcado para Morrer. Então, aqui a gente tem Bibiana e Belonísia, as protagonistas, duas protagonistas do livro. E é bem emblemático porque no dia dessa despedida tinha umas 40 pessoas no meu quintal.

Juliana França

E tinha desde professores, familiares, amigos, ex-namoradas. É sobrinhos, irmãs, vizinhos, colegas e eu. E eu vou falar assim, foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Juliana França

A minha madrinha tava ali também comigo.

Juliana França

Então, foi um dos dias mais felizes, porque tinham muitas pessoas queridas, importantes pra minha trajetória. E pra comemorar, festejar uma coisa que poderia ser individual, mas todo mundo, cada um, cada um que tava ali, sabia que não era individual. Era uma conquista coletiva, uma conquista do território, porque é onde quer que eu fosse.

Juliana França

Eu já passei por mais de 18 países desde abril de de abril de 2022.

Juliana França

Eu ia levar Japeri, eu ia levar a baixada Fluminense. Eu ando com uma Bandeira de Japeri dentro da minha mala. E aonde quer que eu vá e aonde quer que eu vá, eu falo sobre o Código.

Juliana França

Então, eu vou tentando me desenrolar em francês, vou tentando me desenrolar em Inglês, em Português, para falar sobre o Código, para falar sobre Japeri, sobre as coisas que a gente está fazendo lá. E criar essas pontes, então.

Juliana França

Nesse dia, como estavam todas essas pessoas? E eu ganhei esse presente. Eu acho que esse presente, essa lembrança sintetiza a luta por um território, por uma Terra, pelos direitos das populações negras e indígenas, a Terra ao território e a possibilidade de gravar o mundo com dignidade, fazendo seu trabalho, recebendo bem por ser artista, por ser atriz.

Juliana França

E nesse dia.

Juliana França

Estávamos todos e todos festejando uma conquista coletiva. E esse presente eu acho que rememora esse dia, essa conquista. E são duas mulheres negras aqui.

Juliana França

E aí eu me fortaleço muito nas minhas ancestrais, nas minhas irmãs, nas minhas, nos meus sobrinhos, que são crianças negras também, e no nos meus parceiros. Eu tenho muitos amigos indígenas e eu não posso.

Juliana França

E furto de não mencioná-los e mencioná-las nesse momento que são pessoas importantes também para me pensar enquanto uma mulher negra e o meu papel nessa sociedade. Então, esse dia me me lembra de como eu estou conectada com a minha gente, com a minha arte e com meu território. E esse bordado me faz lembrar disso.

Mônica Francisco

Qual é o seu sonho para o seu lugar?

Juliana França

Meu sonho é que o meu lugar tenha dignidade.

Juliana França

Que o meu território, que as pessoas que habitam esse território tenham dignidade, que possam ter acesso a uma saúde de qualidade, uma educação de qualidade, que possam ter acesso a equipamentos culturais. A gente não tem equipamentos públicos culturais em Japeri. A gente não tem uma sala de cinema, a gente não tem.

Juliana França

Um edifício teatral. A gente tem o espaço cultural do Código, que é uma sala alternativa de teatro, onde a gente exhibe os nossos filmes, os filmes dos nossos colegas, onde a gente faz os nossos espetáculos teatrais e recebe espetáculos teatrais de todo o Rio de Janeiro. Mas o edifício teatral público a gente não tem.

Juliana França

Então o que eu desejo são muitas dignidades e acessibilidades.

Juliana França

Pro povo que tá em Japeri, pro povo que tá no território da baixada Fluminense, esses dias eu fiquei muito, muito mexida, muito indignada assim com essas enchentes e chuvas, não com a chuva, com as enchentes, são coisas diferentes. A chuva é uma coisa da natureza. As enchentes é provocada pelos homens, pelos seres humanos, e é o racismo ambiental.

Juliana França

Exatamente. Eu escrevi um texto esses dias justamente.

Juliana França

Como o racismo ambiental nos assola e fiz uma comparação que me doeu e foi muito cruel, porque a baixada Fluminense de alguma maneira e as periferias de modo geral são tratado tratados como grande lixão do estado do Rio de Janeiro e de e agora como grande bueiro do Rio de Janeiro. A buscou assim. E somos nós, população preta, pobre, indígena.

Juliana França

Que está tendo suas vidas perdidas. Então o meu desejo é que aquele senhor que eu citei lá atrás, ele não precise perder mais ninguém, que ele não precisa perder o neto, filha, não e nem os móveis, porque a gente fala, Ah, bens materiais? É, não é tão não.

Juliana França

É muito importante porque uma pessoa demorou a vida inteira.

Mônica Francisco

Literalmente, a vida inteira a.

Juliana França

Vida inteira para comprar um sofá?

Juliana França

E é importante, sim, a gente falar sobre isso. Então, o meu desejo é que a gente tenha uma vida digna e que a gente possa usufruir e viver dignamente no território que a gente está, que a gente escolheu ou que a gente foi escolhido para estar. É dignidade.

Juliana França

Tem sido o lema da minha vida e é o que eu desejo para minha cidade, para o meu território e para as pessoas que estão nele.

Mônica Francisco

Você acredita que?

Mônica Francisco

O modo como a gente se veste, fala.

Juliana França

Com.

Mônica Francisco

Certeza, porque que você vem com uma camiseta que está escrito mulher negra é a revolução?

Juliana França

Ah, porque mulher negra é revolução. Essa camisa. Ela é idealizada por uma cineasta, cineasta negra chamada João Almeida, que uma cineasta Ela Foi diretora de vai na fé também tem alguns?

Juliana França

É, tem.

Juliana França

E ela criou essa, essa identidade visual e essa a partir de muitos pensamentos de muitas outras mulheres negras que vieram antes da gente. Obviamente, a Lélia Gonzales, que é uma referência pra mim, Beatriz nascimento, Ângela Davis também. Então acho que vem, né?

Juliana França

São minhas referências é de mulheres.

Juliana França

E tem uma frase da Ângela Davis que ela vai falar que nós, mulheres, negros, estamos na base da pirâmide. E se estamos na base da pirâmide, se a gente se movimenta, se a gente se articula, toda sua sociedade se articula também, se comenta também.

Mônica Francisco
As Placas tectônicas.

Juliana França
As Placas tectônicas? Exatamente. Então, eu acredito que a revolução ela começa aqui e agora, nessa conversa, por exemplo.

Mônica Francisco
Eu também acredito. Qual é o sonho da Juliana para Juliana?

Juliana França
Eu isso é bem que eu tenho sonhado muito com isso e jogado para o universo. Diariamente eu quero construir uma chácara. Eu comprei um pedaço de Terra na beira do Rio, próximo do Rio, na minha cidade e o meu grande sonho hoje.

Juliana França
É conseguir construir uma chácara, plantar, colher, distribuir pros vizinhos, fazer uma horta. É uma horta coletiva comunitária. É levar minha mãe, minhas familiares pra lá e a gente conseguir viver tranquilamente à beira do Rio, ali no meio do Mato, com poucos vizinhos, e ter tranquilidade.

Juliana França
Ter uma tranquilidade tão desejada assim. Então hoje o meu sonho é isso, você conseguir construir uma pequena chacarazinha, uma casinha, plantar as coisas. A gente já está, Minha Mãe e Eu, as minhas irmãs.

Juliana França
A gente está no momento de colheita, de plantação, então a gente está plantando as árvores frutíferas. Agora a gente quer plantar aipim, então a gente está nessa e agora falta se organizar, trabalhar muito pra fazer algum dinheiro e levantar essa chácara, essa casa, pra gente poder.

Juliana França
Usufruir, então, meu grande sonho hoje é poder construir e transformar esse pedaço de terra num lar, numa casa pra mim e pra minha família.

Mônica Francisco
Vai conseguir! A gente tá aqui emanando pra você. Juliana, obrigada!

Mônica Francisco
Grande entrevista, eu agradeço mais uma, obrigada!, Eita, que coisa mais linda. Obrigada, obrigada, obrigada. Te agradeço muito.

Juliana França

Eu que agradeço. Muito obrigada. Muita axé, muita saúde para todo mundo.

Juliana França

É o que eu desejo. Saúde até a próxima, até.